

Fernando Molica

A chinelada nos que temem os pés na estrada

A julgar pela reação de parte da direita ao comercial das Havaianas, será preciso fazer cirurgias para, no casos de bolsonarismo extremo, transplantar corações do lado esquerdo para o direito; canhotos como Gerson, Rivellino, Martha, Roberto Carlos, Adriano, Ayrton Senna e Gabriel Medina irão para o lixo da história. Antigos discos de Canhoto da Paraíba serão quebrados em praça pública.

Talvez tenha faltado aos publicitários que criaram e aprovaram a peça um certo cuidado; alguém para dizer que brincar com palavra “direito” poderia dar problema num país que enloqueceu. Campanhas publicitárias de grandes empresas costumam ser submetidas a diferentes grupos sociais para checar suas reações.

Mas, caramba, é muita maluquice achar que ao brincarem com a ideia da sorte, ao questionarem a ideia de se começar o ano com o pé direito, os autores do comercial tenham buscado fazer alguma referência à direita política.

Até porque o objetivo de peça é gerar vendas, pouco importa a ideologia dos bípedes que usarão tais chinelos (o líder chinês Deng Xiaoping chocou boa parte dos camaradas comunistas quando justificou reformas de viés capitalista que introduzia em seu país: “Não importa a cor do gato, desde que ele cace rato”, ensinou).

O comercial que despertou tanto ódio tem a sacada de reforçar a associação das Havaianas, com a liberdade, com o prazer, com o descompromisso, ainda mais no verão. Como diz o texto, sorte não é algo que dependa de nossos desejos ou expectativas. Então, melhor do que dar um passo com o pé direito (ou, como poderia ter dito, pular sete ondinhas, comer lentilhas) é tomar as rédeas da própria vida.

Daí a sugestão dada pela Fernanda Torres — que é

destra! Melhor começar o ano com os pés na porta, na estrada, na jaca. O texto poderia até fazer parte de um desses livros de autoajuda ao encorajar as pessoas a tomarem as rédeas da própria vida, a serem sujeitos da própria história, a não temerem o futuro. As frases caberiam num desses cursos picaretas do Pablo Marçal.

Mas talvez esses bolsonaristas tenham entendido o comercial muito além dessa história de pé direito. Não se pode descartar que tenham ficado incomodados com a pregação de uma vida menos amarrada, mais livre, descompromissada, alegre, prazerosa e feliz. Sentiram-se como se tivessem tomado uma chinelada.

Repare que os próceres da extrema direita brasileira raramente aparecem sorrindo nas fotos, a começar por Jair Bolsonaro (mesmo quando estava em campanha ou na Presidência). Risos, quando os há, são quase sempre de ironia ou de deboche, não de gozo ou de desfrute.

O discurso dos integrantes dessa corrente política se baseia no ódio, na destruição, no acirramento — mais do que falar de si, falam do outro, numa lógica que remete aos conceitos bíblicos de bem e de mal.

Atuam na vida política como pastores e padres que falam mais do terror dos infernos do que da alegria do Paraíso. Assim, o discurso da libertação, dos pés na porta, na estrada e na jaca é capaz de incomodar quem prefere a tranca e os limites das paredes de casa.

Por último: se vivo fosse, Tim Maia poderia acrescentar mais um paradoxo à sua lista em que relaciona, aos absurdos brasileiros, o fato de traficante se viciar, prostituta ter orgasmo e cafetão sentir ciúmes. A julgar pelos bolsonaristas, banqueiro — como os Moreira Salles, donos também da Alpagartas, que fabricam as Havaianas — são comunistas.

Paulo Cesar de Oliveira*

Crises para o Natal do brasileiro

Outra crise. A aprovação da Lei da Dosimetria, que bem poderia chamar “Tudo por Bolsonaro” pois que idealizada com o único objetivo de tirar da cadeia o ex-presidente, vai acirrar a radicalizar a disputa política.

Dizem as pesquisas que a maior parte da população é contra o abrandamento das punições os que idealizaram e tentaram o golpe de 8 de janeiro, mas mesmo assim o Congresso decidiu perdoar a facção que tentou derrotar a democracia brasileira. Perdoar cria ídolos, vetar cria vítimas. É assim que vamos enfrentar o ano eleitoral de 2026. Mas não podemos arrastar uma solução. O país não pode ficar indefinidamente dividido por interesses de grupos. Precisamos de leis claras, de Justiça firme que faça cumprir as leis. Não podemos ser uma republiqueta em que as leis não são cumpridas ou que são moldadas de acordo com interesses de momento. Leis são para serem cumpridas, não para serem mudadas de acordo com interesses de grupos.

Vivemos um momento bem curioso. De um lado buscando suavizar sanções aos que atentam contra nossa democracia. De outro buscando aumentar o rigor contra os que fazem da violência

de toda ordem uma forma de vida. Discute-se o aumento da pena para punir os criminosos comuns, enquanto busca-se isentar de punições os que praticam crime contra a democracia. Dois erros que não podemos cometer.

O aumento indiscriminado das penas nos crimes comuns - fala-se em até 120 de cadeia - não influi, garante os especialistas, na intenção de alguém delinquir. A redução drástica das penas aos que atentam contra a democracia, ao contrário, estimula os que têm perfil ditatorial. E no Brasil, sabemos, eles são muitos. E estão presentes. Vivemos, sem dúvida, uma crise.

A segurança é, dizem as pesquisas, a segunda maior preocupação dos brasileiros, superada apenas pela saúde. Mas soluções simplistas como aumento de pena não vão resolver o problema. Há muito o que se discutir e mudar na área. E este Congresso não parece preparado para a missão. De outro lado vivemos a crise na democracia que, não tenham dúvidas, se agravará se formos condescendentes com os de tendência totalitária. Nem tanto ao mar, nem tanto a terra. Nem prisão perpétua para o delinquente comum, nem anistia para o delinquente político.

Tales Faria

Ex-patriota Eduardo Bolsonaro agora prefere não ter pátria

O ex-deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) passou anos a fio se autointitulando “patriota” e sugerindo que quem não fosse ultraconservador como ele não era patriota. Bolsonaristas marchavam pelas ruas vestindo camisas verde-amarelas. Tentaram tornar o termo “bolsonarista” sinônimo de patriota.

Quando Jair Bolsonaro (PL) assumiu a Presidência da República, a família abriu guerra contra o Supremo Tribunal Federal (STF), órgão encarregado de interpretar as leis no país.

Contra a interpretação dos ministros todos do STF, Eduardo Bolsonaro, os irmãos e seu pai defendiam que não seria golpe de Estado o presidente invocar o artigo 142 da Constituição para o Exército intervir e até fechar a Corte Suprema do país.

Aliás, defendem isso até hoje. Na versão deles, Jair Bolsonaro não propôs golpe aos comandantes militares quando apresentou um documento sugerindo uma intervenção no STF com base no artigo 142. Como os militares não aceitaram, eles desistiram. Mas insistem que apresentar essa proposta aos comandantes militares não seria tentar um golpe.

Agora, como a pátria não concordou com o golpe, o clã se voltou contra a pátria. Pediu apoio dos Estados Unidos para impor um tarifaço sobre as empresas brasileiras, ameaçando-as de falência.

O filho mais velho do ex-presidente, senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), chegou a sugerir que os EUA vissem procurar e atacar supostas embarcações de traficantes na Baía de Guanabara, como Donald Trump está fazendo na Venezuela.

Eduardo Bolsonaro anunciou em março estar

indo morar nos EUA com o objetivo explícito de convencer o governo norte-americano a retaliar o Brasil por ameaçar prender seu pai. Na época, o ministro Alexandre de Moraes, do STF, negou pedido do PT para apreensão do passaporte do deputado.

Mas Eduardo teve o mandato cassado pela Câmara nesta quinta-feira, 18. Ultrapassou o limite de faltas desde que saiu do país por vontade própria. Com isso, perderá seu passaporte diplomático.

“Assim que eu perder meu mandato, dentro de 30 ou 60 dias, tenho que devolver meu passaporte diplomático. Vou ficar sem passaporte brasileiro. Mas já adianto que estou vacinado. Isso não me impediria de fazer outras saídas internacionais porque tenho outros meios para fazê-lo ou quem sabe até correr atrás de um passaporte de apátrida. Vamos ver como isso acontece”, declarou.

Apátridas são aqueles que não têm o título de qualquer nacionalidade. Em geral, perdem a nacionalidade por perseguição política, religiosa ou étnica. Eduardo não se encaixa em nenhum dos casos, embora ele afirme que está sendo perseguido.

A nacionalidade é um status jurídico-político que une a pessoa ao território. É um ato de Estado – motivado pelo local de nascimento ou por consanguinidade – e só é retirada por um ato administrativo do Estado. Segundo juristas, não cabe a uma pessoa se autodeterminar apátrida.

Tudo indica que agora Eduardo Bolsonaro, que já deixou de ser patriota, estuda a possibilidade de se autointitular apátrida. Tem tudo para dar errado.

EDITORIAL

Um verão de oportunidades

Estamos às vésperas do Natal e a poucos dias da virada do ano, período em que o Brasil entra definitivamente na alta temporada do turismo. Hotéis cheios, aeroportos movimentados, estradas lotadas e destinos turísticos pulsando vida. É justamente nesse momento que ganha ainda mais relevância o avanço da formalização no setor, um movimento silencioso, porém decisivo, para o fortalecimento da atividade turística no país.

O crescimento expressivo do número de prestadores de serviços turísticos formalizados nos

últimos anos revela uma mudança positiva de mentalidade. Cada guia, agência, meio de hospedagem ou organizador de eventos que opta pela regularização contribui para um turismo mais profissional, seguro e competitivo.

Em períodos como este, quando milhões de brasileiros viajam e o país recebe visitantes de várias partes do mundo, os efeitos dessa organização ficam ainda mais claros. A economia gira com mais eficiência, empregos são gerados, a arrecadação cresce e os recursos circulam dentro das próprias comunidades.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Nômar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrick.bertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.